

A violência percebida sob a ótica da abordagem sistêmica.

Gilberto Gomes Guedes, Thiago Araújo Guedes

Resumo: O trabalho analisa atos violentos sob a ótica sistêmica, iniciando com o relato do estado de pobreza que assolava a humanidade no século XIX, onde também colocam-se diversas opiniões sobre Karl Marx. Relata-se a situação de países subdesenvolvidos, com destaque a ação do comandante Che Guevara e a guerrilha na América Latina contra o imperialismo americano. É citada também a segregação racial dentro dos Estados Unidos e em nível internacional. Fala-se sobre os crimes políticos e sua diferença com os crimes comuns. A guerrilha como um tipo de guerra do final do século XX. A década de 70, do século passado, como o período de crescimento do terrorismo, da preocupação com seu combate a esse movimento e da proteção aos terroristas. Finalmente o trabalho mostra o peso da participação norte americana nos fatos.

Palavras chave: Abordagem; Sistema; Violência.

Abstract: *This study examines violence in the systemic perspective, starting with the story of poverty that plagued humanity in the nineteenth century, where he also put up various opinions about Karl Marx. It is reported the situation of developing countries, especially the action of the commander and the guerrilla Che Guevara in Latin America against U.S. imperialism. It also cited racial segregation in the United States and internationally. There is talk about political crimes and their difference with ordinary crime. The guerrillas as a sort of war in the late twentieth century. The decade of the 70th-century past, as the growth period of terrorism, concern for its fight against this movement and protection to terrorists. Finally the paper shows the weight of North American participation in the events.*

Keywords: *Approach; System; Violence.*

Introdução

Este estudo não tem a pretensão de apresentar os culpados pelos fatos ocorridos, muito menos julgar determinadas culturas, mas sim, expor conceitos sistêmicos como a interdependência, que facilita o entendimento dos fenômenos da natureza. Mesmo porque, uma das leis do raciocínio sistêmico, citada por Peter Senge, em seu livro *A Quinta Disciplina*, é que não existem culpados, uma vez que tudo está englobado no mesmo sistema.¹ O que significa que todos os envolvidos em um fenômeno e a causa dele fazem parte de um mesmo sistema.

¹ “Nossa tendência é culpar as circunstâncias externas pelos problemas que nos afligem. Alguém de fora é o culpado – concorrentes, a imprensa, a oscilação do mercado, o governo. O raciocínio sistêmico mostra que não existe o ‘lá fora’, você e a causa dos seus problemas fazem parte de um único sistema” (SARGE, Peter M.. *A Quinta Disciplina*. São Paulo: Best Seller, 1990, p.74).

No dia 2 de maio de 2011, o líder da Al Qaeda, Osama Bin Laden, teve sua morte declarada. O líder da rede terrorista foi morto em uma operação militar na cidade de Abbottabad, próximo a Islamabad, no Paquistão, finalizando, então, uma ação de busca que duraram dez anos.

A morte de Bin Laden não representa um fato isolado, mas, um elemento pertencente a um supersistema comportamental, do qual os países fazem parte, se relacionam e são interdependentes.

De início podemos entender que, “comportamento violento”, pode ser visto como um fenômeno social marcado pelo comportamento deliberadamente transgressor e agressivo, apresentado por uma ou mais pessoas, num limite de determinado espaço, conduzido por um pensamento irracional.

Este artigo foi desenvolvido sob três óticas, que a primeira vista aparentam seguir em paralelo, mas que na verdade se relacionam e possui interdependência, conforme os fatos de vários momentos históricos. Elas são as seguintes:

1º Apresentação de alguns momentos da história onde a violência teve um destaque maior, influenciado pelo comportamento político e econômico da época.

2º Evolução da guerra de guerrilhas e do terrorismo.

3º Colaboração para o entendimento das ações de violência ocorridas em Nova York na data de 11 de setembro de 2001 e a ponderação sobre o peso do comportamento americano.

Marx contra o capitalismo

O Presidente J. F. Kennedy, cem anos depois da visita feita por Karl Marx a Nova York, disse o seguinte: “*Se um jornal capitalista de Nova York tivesse tratado Marx um pouco mais gentilmente, talvez a história tivesse seguido outro rumo*”.² Com essa citação pode ser observada a relação sistêmica entre os momentos históricos.

As condições materiais e morais do proletariado no século XIX eram deploráveis mesmo nos países mais desenvolvidos. Os operários recebiam salários miseráveis; eram submetidos a horários impossíveis de trabalho; as energias de mulheres e crianças eram exploradas sem misericórdia; era proibido aos operários associarem-se e a greve era considerada como delito. As condições das plebes operárias na Inglaterra após 1815 mostravam-se tão graves (nas minas inglesas o homem se tornava velho antes de chegar a ser jovem) que fizeram alguns pensadores prever o inevitável desencadear de uma tremenda revolução nesse país. Por sorte, a nação inglesa conseguiu evitá-la graças a liberação de uma das mais poderosas entidades de classe que é o sindicato.

Em 1825 as residências irlandesas não se chamavam sequer de casas, eram chamadas de cabanas, construídas com barro, cobertas de palha e de partes de um revestimento que eles denominavam scraw, e a chuva prolongada nelas penetrava invariavelmente.

² Il Corriere della Sera, janeiro de 1966.

A miséria era grande nas camadas trabalhadoras francesas, em 1840. Os operários da indústria têxtil geralmente eram desnutridos, sobretudo as crianças, magras e sem vivacidade. A tuberculose pulmonar atingia muito mais os operários do algodão e do linho do que os demais habitantes.

A Rússia, possuía cerca de 22 milhões de camponeses servos de gleba.

O camponês italiano não achando conveniente empregar seu parco dinheiro poupado na agricultura, sangrado pelos impostos e sufocado pelo protecionismo industrial, desperdiçava-o em fúteis tentativas comerciais ou em despesas supérfluas.³

A alimentação dos camponeses do século XIX era pobre e substancialmente privada de carne, consumida pelos mais prósperos apenas no Domingo e nos períodos de trabalho pesado. Ela era basicamente composta de um pão negro e achatado, embebido numa tigela de água salgada e óleo. Isso acontecia em todas as partes do mundo.

Nesse clima é que surgem pensadores e críticos que influenciaram no comportamento do mundo, como Friedrich Engels e Karl Marx. Eles incentivaram a revolução proletária, por força da qual se pode realizar a liberação econômica dos trabalhadores. Foi a primeira tentativa de revolução no sentido de arrebentar a máquina do estado burguês. Marx distinguiu-se na luta contra a tirania internacional. Era uma luta dos oprimidos contra os opressores.

Algumas idéias sobre os pensamentos de Karl Marx:

- Shumpeter, um dos maiores economistas do século XX, embora não concordando com Marx numa série de questões, estava de acordo com o comunismo na previsão da sobrepujança do capitalismo. Escreveu em uma de suas obras, Capitalismo, Socialismo e Democracia, que mesmo se os dados e os raciocínios de Marx fossem ainda mais errôneos do que o são na realidade, suas conclusões poderiam, todavia, ser válidas quando afirma, simplesmente, que a evolução capitalista terminaria por destruir os fundamentos da sociedade capitalista.

- Para Celso Furtado, economista brasileiro:

As idéias de Marx serviram como base para ação política, abrindo estradas aos movimentos de transformação social de nosso século. Contudo, sua influência como economista foi obscurecida pelo pouco conhecimento de sua obra científica. Se seu modelo tivesse sido estudado seriamente, e desenvolvido, teríamos tido a possibilidade de amadurecer muito antes um conhecimento mais profundo dos problemas do subdesenvolvimento".⁴

Robert C. Tucker, filósofo americano de nossos dias, intui um interessante paralelo entre Marx e os revolucionários não violentos de nosso tempo:

³ Escritos sobre a questão Meridional, 1896-1955. Einaudi, Turim, 1955.

⁴ FURTADO Celso. O Modelo de Marx na Análise das Estruturas Econômicas Subdesenvolvidas. Verona, 1972, p 144.

"Marx imaginou, erroneamente, que a força revolucionária e a violência poderiam ser meios para realizar não apenas uma nova sociedade, mas ainda um novo ser humano adulto que a compusesse; deixou, assim, a mestres como Gandhi e Martin Luther King a tarefa de mostrar aos homens como transformar a sociedade, de modo não violento, transformando-se a si mesmo.⁵

- O fascínio que Marx exerce nas regiões subdesenvolvidas – afirma Charles F. Andrain (economista americano) – deriva mais de seu fervor ético que de suas doutrinas filosóficas e econômicas, como a concepção materialista da história, a teoria do valor-trabalho ou da mais-valia, ou a lei de acumulação capitalista. O marxismo oferece aos povos economicamente atrasados a esperança de atingir a igualdade, o progresso e o desenvolvimento científico. Para os povos da África e do Oriente Médio a importância atribuída ao progresso científico, à planificação econômica e à organização racional do trabalho promete a igualdade com as regiões industrializadas da Europa e dos E.U.A.⁶

- Samuelson, conhecido economista americano contemporâneo, ao julgar as obras de Marx imputa a essa doutrina econômica, o não ter previsto as formas contemporâneas de exploração do proletariado no capitalismo. Além disso, o marxismo oferece uma base insuficiente para a compreensão do papel da política fiscal na manutenção do atual nível de emprego e, em geral, para explicar a evolução econômica da Europa Ocidental e dos E.U.A entre 1937 e 1967.

A literatura da teoria econômica radical é mais pródiga em críticas à teoria econômica tradicional do que em soluções que proporcionem novas estruturas de análise para as reformas radicais. O Marxismo é importante para os economistas radicais, mas não é preponderante em seu pensamento. Entre eles, muitos são antes anarquistas que propriamente socialistas, e outros tantos, nem uma coisa, nem outra. O aspecto do Marxismo que mais os atrai é o conceito de alienação do trabalhador, sob a coação irresistível do Capitalismo.

Os países subdesenvolvidos e a política internacional

Atualmente, os países mais desenvolvidos do mundo definem seus objetivos de política externa levando em conta sempre a ordem social interna favorável aos interesses capitalistas para não desafiar os objetivos básicos da política externa americana. Alguns desses países também procuram exercer sua soberania e procuram tirar proveito das contradições da ordem internacional. Destaca-se o papel das empresas multinacionais na ordem econômica mundial e o apoio que elas recebem das políticas externas de seus países de origem, bem como dos E.U.A.

Entretanto, devemos lembrar que é através de contradições é que evolui o processo histórico. As contradições entre os países dependentes e as empresas multinacionais não

⁵ R. C. Trucker. Marx e o fim da história. Milão, 1972, p 149

⁶ CHARLES F. Andrain. Marx Vivo. Milão, 1975, p 150.

são antagônicas. O desenvolvimento de países subdesenvolvidos depende de alianças entre o estado e as empresas, conforme a questão e o momento em causa. Mas esse desenvolvimento também ocorre porque tanto os países como as multinacionais criam políticas que formam mercados baseados na concentração de renda e na exclusão social das majorias. Estes processos exigem uma grande união entre estes dois agentes históricos frente às oposições, que podem tornar-se ativas quando movimentos políticos levantando bandeiras nacionalistas e socialistas e põem em discussão a ordem social vigente.

Nas últimas décadas, o fortalecimento do estado, a penetração das multinacionais e o desenvolvimento dependente-associado deram-se no contexto de uma nova relação de classes. Esta implicou, por um lado, tentativas de ruptura (às vezes radicais) com a situação global de dependência, tendo como limite a transformação da sociedade na direção do socialismo; por outro, implicou numa reorganização das classes dominantes, acentuando o papel repressivo do país, ao mesmo tempo em que o transformava em alavanca para o fortalecimento da ordem econômica capitalista.

Segundo o Professor Fernando Henrique Cardoso:

A revolução cubana marcou profundamente a política das forças populares latino-americanas. A sombra dos feitos guerreiros de Che Guevara e a quase substituição do processo político de massas pela ação militar de grupos guerrilheiros (embora não fosse esta a teoria implícita) polarizaram bastante os movimentos revolucionários latino-americanos.⁷

Grande escritor, Che Guevara, entre outras coisas, era um repórter do seu tempo; em seus livros, mostra a saga dos guerrilheiros cubanos e discute teorias políticas, econômicas e sociais com a maior objetividade possível, para que pudessem ser entendidas por qualquer de seus companheiros e trabalhadores.

Representando o governo cubano, Che viajou por diversos países do terceiro mundo, constatando que os problemas dos subdesenvolvidos eram semelhantes na África, Ásia e América Latina: a espoliação imperialista dos países desenvolvidos, sobretudo dos Estados Unidos. No Brasil, Che esteve em 1961, sendo condecorado com a Ordem do Cruzeiro do Sul pelo presidente Jânio Quadros.

Segundo Che Guevara:

O campo fundamental da exploração pelo imperialismo envolve os três continentes mais atrasados, dos quais o Americano constitui um conjunto mais ou menos homogêneo e, na quase totalidade do seu território, os capitais monopolistas norte-americanos mantêm uma supremacia absoluta. Os governos fantoches ou, no melhor dos casos, débeis e medrosos, não podem se opor às ordens do senhor ianque. Os norte-americanos chegaram quase ao auge do seu domínio político e econômico, pouco mais poderão já alavancar; qualquer mudança da situação poderia se converter num

⁷ CARDOSO Fernando Henrique. Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico. São Paulo, 1964, p 206.

retrocesso da sua supremacia. A sua política é manter o que conquistaram. A linha de ação se reduz, no momento, ao uso brutal da força para impedir movimentos de libertação, sejam de que tipo forem.⁸

O movimento guerrilheiro fracassou em quase toda América Latina com exceção da Argentina onde esse movimento não se afastou dos movimentos político-sociais. Embora não haja constituído uma real condição de poder, na Argentina a guerrilha exerceu certa capacidade de veto impondo-se aos movimentos políticos e as tentativas de reformulação de alianças de classes.

A unidade popular chilena do período de Allende e o reformismo militar peruano constituíram formas de reação ao desenvolvimento vinculado à expansão capitalista-oligopólica internacional, baseadas em forças populares mais amplas. O exemplo boliviano de Assembléia Popular não estava longe disto. O que devemos destacar é que o Estado era visto não como uma instituição burguesa a ser destruída mas como alavanca para uma possível transformação global da sociedade, desde que o controle ficasse limitado às forças populares.

A política de países desenvolvidos criou antipatia dentro e fora de seus territórios

O fim das escolas segregadas para brancos ou negros, nos E.U.A., ficou por longo tempo como objetivo primordial dos governos. Oficialmente, o panorama nunca foi bom: em 1970 cerca de 94% dos sistemas escolares já deveriam estar integrados no sul do país. Na verdade, porém, a política e a prática da desagregação continuaram não raro em colisão. E quem melhor pareceu ter caracterizado a situação norte-americana em 1970 foi o então senador Edward Brooke, negro ele próprio, ao mostrar que as próprias pessoas que sempre se tinham oposto à integração foram às responsáveis por levá-la a cabo, e obviamente estavam erguendo barreiras de toda espécie ao longo do caminho.

Porém não foram os E.U.A. os únicos que tiveram problemas raciais a entrevarem seu sistema educacional: problemas idênticos ocorreram também, em maior ou menor grau, em Singapura, na África do Sul e no Reino Unido. Devido a suas implicações raciais houve séria controvérsia, no Reino Unido, com a publicação na Harvard Educational Review, do resultado das pesquisas do Prof. Arthur R. Jensen, de Berkeley, Califórnia. Segundo Jensen, 4/5 da inteligência de uma pessoa seriam pré-determinados geneticamente, e apenas o quinto restante seria influenciável pelo meio. De acordo com essa hipótese, as largas diferenças que teriam sido constatadas entre o quociente intelectual de brancos e negros não podem ser explicadas somente por questões de inferioridade social.

No Reino Unido, a controvérsia sobre a inteligência relativa de brancos e negros, lançada por Arthur Jensen, ganhou novo impulso com a publicação de Race, Intelligence and Education, de H. J. Eysenck, professor do Instituto de Psiquiatria da Universidade de Londres, que aceitou a tese da inferioridade dos negros norte-americanos em testes de Q.I. em relação aos brancos.

⁸

GUEVARA, Ernesto Che. Textos Revolucionários. São Paulo, 1980, p 88.

Disciplina, integração e segregação, verbas para educação, drogas e o problema da obtenção de melhores professores foram os temas relacionados com a instrução pública mais citados nas últimas pesquisas Galup Anual sobre Cidadãos e Estudantes. Os resultados da consulta revelaram muitas opiniões negativas a respeito das instituições mais importantes dos E.U.A., dos valores tradicionais e a Presidência da República.

Crimes políticos

Na década de 70 surge a grande onda de terrorismo internacional. Embora não sendo um fenômeno novo, seu crescimento foi extraordinário nessa década, para o que contribuiu o uso da tecnologia cada vez mais sofisticada: equipamento altamente especializado, engenhos explosivos em modelos reduzidos ou movidos a controle remoto, foguetes de lançamento manual e artefatos semelhantes, que tornaram o ataque mais letal, mais eficiente e menos perigoso para o terrorista. São igualmente importantes os avanços dentro da tecnologia em geral. Assim, comunicações telefônicas automáticas internacionais e viagens a jato facilitam conspirações extra-fronteiras e a perpetuação de crimes políticos em um país, com base de operação em outro. O desenvolvimento da televisão contribuiu para a rápida divulgação de técnicas terroristas, com base no seqüestro de tripulações, diplomatas e homens de negócios.

O crime político difere do crime comum apenas na motivação. Nem por isso deixa de ser crime, quer se trate de assalto, roubo de banco, arrombamento, tráfico de drogas ou seqüestro. Neste contexto, o terrorismo é *“violência motivada para fins políticos”*, o que o destingue de atos de vandalismo ou de crimes comuns.

Na prática, porém, os crimes citados (se motivados politicamente) tendem a tornar-se instrumentos de grupos e mais raramente de indivíduos terroristas. Numa fase inicial de planejamento, poderá ser necessário que um grupo terrorista assalte um banco, a fim de obter fundos. O mesmo pode acontecer no caso de resgates, tráfico de drogas, reféns ou seqüestro aéreo do tipo do dia 11 de setembro de 2001.

Os crimes políticos levantam problemas morais e cívicos bastantes dolorosos, que se aguçam na maioria das sociedades. Num regime totalitário, o terrorismo é bem menos difundido, em vista do serviço nacional de segurança e do monopólio estatal de transações comerciais.

Com o crescimento do terrorismo (e de crimes políticos a serviço do mesmo) aparecem, em vários países novos, problemas de repressão, para os quais, freqüentemente, as autoridades policiais parecem estar mal preparadas. A aplicação de leis internacionais inadequadas e a quase impossibilidade de uma ação coordenada internacional, dificulta particularmente no caso da extradição de seqüestradores aéreos.

Democracia e terrorismo

A sociedade composta por organizações do tipo, sistema aberto, enfrenta o seguinte dilema: adotar medidas que suprimam o terrorismo, mas preservem as liberdades tradicionais. Por outro lado, quanto mais aberta for a sociedade, mais relutância terão as autoridades em adotar medidas rígidas contra esses tipos de crimes. Quanto mais demora houver na adoção

de métodos preventivos, tanto maior será o número de incidentes. O Uruguai foi um país de situação excepcional na América Latina pelo seu sistema de democracia representativa e bem-estar social mas, na década de 70, o grupo Tupamaru (de Tupac Amaru, herói lendário Inca, que lutou contra os espanhóis no século XVIII) por pouco não paralisou a administração do país, através do assalto a bancos, seqüestro de autoridades e homens de negócios, e impunidade alegadamente garantida por cumplicidade policial. O movimento foi desmantelado num período de cinco meses, mas o preço dessa vitória foi o abalo do sistema democrático, do qual o Uruguai tanto se orgulhava.

Na Turquia a violência política patrocinada pelo Exército Turco de Libertação (TPLA) chegou a provocar o fechamento da Universidade Técnica do Oriente Médio. A necessidade de uma intervenção militar forçou a instalação de um governo determinado a restaurar a ordem no país. Foi proclamado estado de emergência, cujos resultados também levaram à dissolução do TPLA e mais tarde o regime constitucional foi restabelecido.

A resposta britânica aos terroristas do Ulster ilustra de forma mais dramática o dilema de combater o terrorismo em um país de longa tradição parlamentar. A violência do Exército Republicano Católico de Libertação (IRA) defrontava-se com a violência da Associação Protestante e Legalista de Defesa do Ulster (UDA). Governos britânicos sucessivos haviam adotado a prática de prisão sem julgamento, posto de lado após alguns anos. Técnicas de interrogatório de profundidade relativamente suaves (encapusamento, atordoamento por barulho, imobilização em pé, privação do sono) haviam trazido rápidos resultados em termos de detenções mas também foram abandonados.

Alternativas de combate ao terrorismo

Em termos simples, são estas as perspectivas: será melhor derrotar o terrorismo usando-se métodos vigorosos e comprometimento, no processo, as liberdades democráticas; ou será preferível evitar medidas efetivas, porém preservar os direitos essenciais, deixando, no entanto, o terrorismo de pé? É um dilema semelhante em gênero, mas não em grau, àquele que o presidente norte-americano Harry Truman enfrentou em 1945: lançar ou não lançar bombas atômicas sobre o Japão. A solução nunca é moralmente satisfatória e só pode ser tomada depois de se medirem bem os males relativos de alternativas insatisfatórias, junto com aquilo que é politicamente possível.

Na questão da existência de reféns é igualmente desagradável a escolha entre alternativas insatisfatórias. O dilema moral existe, qualquer que seja o órgão de decisão, governo, companhia de aviação ou empresa comercial. No caso de seqüestro de diplomatas ou homens de negócio (caso de Silvio Santos e de sua filha), só há uma vida em jogo, mas continua de pé o dilema, que é freqüentemente dramatizado. No caso de seqüestro aéreo (como foi o caso do World Trade Center, em Nova York, e no Pentágono em Washington), está em jogo a vida de todos os passageiros, tripulantes e das pessoas que estavam nos prédios.

Não existem respostas uniformes para essas situações.

Proteção aos terroristas

Deve-se dar prioridade à questão de asilo, qualquer que seja o rumo do debate sobre o assunto. Essa palavra tem, pelo menos, duas conotações precisas. Primeiro, aplica-se à utilização de territórios soberanos vizinhos, por parte de grupos terroristas; segundo, significa possibilidade de esconderijo para terroristas em fuga, especialmente depois de um seqüestro aéreo que teve êxito (caso do Afeganistão). No primeiro caso, o governo do país onde se efetuou o ataque terrorista fica impedido de continuar a perseguição, a não ser que receba permissão do país que abriga os autores do atentado; sem isso, arrisca-se a incorrer nos perigos de uma ação armada contra um outro país. O governo britânico evita infringir a soberania da república irlandesa, ao perseguir membros do IRA. O governo israelense já faz menos cerimônia em empreender incursões de caráter retaliatório contra outros países, entre os quais o Líbano, que abriga terroristas palestinos.

O oferecimento de asilo a seqüestradores é um problema realmente delicado. No entanto, existe legislação internacional aplicável: a Convenção de Tóquio sobre Delitos e Outros Atentados Cometidos contra Tripulações Aéreas (desde 1971, em outubro); a Convenção para Supressão da Captura Ilegal de Tripulações (Haia); e a Convenção para a Supressão de Atos Ilegais contra a Segurança da Aviação Civil (Montreal). Na prática, essas convenções revelaram-se inadequadas, influenciando nisso a atitude de alguns Estados Árabes no sentido de não expulsarem de seus territórios os terroristas palestinos e outros grupos. Na ONU os debates não têm conduzido a uma posição de unanimidade.

Participação norte americana nos fatos.²

Desde o surgimento da humanidade, os fortes, os poderosos, os arrogantes, sempre humilharam os mais fracos, desprotegidos e humildes. Apesar da maioria da população mundial crer num Deus e as regras, normas e leis das diversas religiões serem bastante parecidas, combaterem esse tipo de comportamento, quase ninguém as segue.

Por outro lado, os E.U.A. como maior potência mundial não deveriam agir como fundamentalistas (sempre tem razão em tudo). Com governos de comportamentos radicais desrespeitam as rodadas de negociações internacionais e deixam de cumprir em seu país as determinações acordadas em conferências internacionais, acabando desta forma com a possibilidade de pacificação.

Longe da exaltação ao ato covarde e desumano ocorrido em Nova York, deve ser destacado um pequeno trecho da entrevista que Clóvis Brigagão (cientista político) deu a revista ISTO É (19 de setembro de 2001, p 10):

Há o fundamentalismo dos judeus, dos islâmicos e também dos Estados Unidos. Este é, com certeza, o governo mais radical que os americanos já tiveram. A ponto de não aceitar que os tratados internacionais tenham validade no seu território. A lei nacional é superior à lei internacional. Como um poder como os Estados Unidos, que tem investimentos, penetração de

² “Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez são modificados pelas consequências de sua ação” (SKINNER, B.F.. *O Comportamento Verbal*. São Paulo: Cultrix, 1978, p.15).

seus capitais, Coca-Cola e Mc Donalds, pode ser nacionalista? Pregam o internacionalismo, a globalização, e, por outro lado, se fecham? Os americanos são o único poder global que restou e por sua natureza tem que estar acompanhando e até intervindo, se for o caso, nas relações internacionais. A postura de Bush prejudica o equilíbrio de poder. Sozinha a potência americana não é maior do que as outras juntas, mas o presidente americano não vê o seu país como uma das potências, mas como se só os Estados Unidos importassem. Para os fundamentalistas do outro lado da cerca, como Bin Laden e os palestinos, é um prato cheio. É uma escalada de fanatismo, da arrogância e da estupidez juntas.

Deve ser também reproduzido um texto que circulou, na época, na Internet e que pode ajudar em uma reflexão mais profundamente:

O mundo está chocado, depois de assistir a uma grande catástrofe que resultou em dezenas de milhares de inocentes mortos. Trata-se do atentado contra o World Trade Center. Um atentado contra a vida, a liberdade e a democracia. Pessoas do mundo inteiro se sensibilizaram com as cenas chocantes e o sofrimento das pessoas que morreram lá. Pessoas que tiveram obstruída uma vida feliz, saudável, e cheia de oportunidades. Realmente, as pessoas do mundo são muito solidárias, e isso pode ser comprovado vendo-se essa comoção geral. Mas o engraçado é que ninguém se assusta com os países pobres. No mundo inteiro, todos os dias morrem milhares, talvez dezenas de milhares de pessoas de fome e doenças. Pessoas que nunca tiveram um dia tranqüilo na vida. Pessoas para quem a vida foi a sobrevivência. Mas ninguém se incomoda. Países que foram explorados pelos Estados Unidos hoje têm pessoas que morrem de fome, mas ninguém se incomoda. Na África morrem diariamente milhares de pessoas de Aids, enquanto os EUA não liberam os remédios, porque estão preocupados com o lucro dos Royalties. E ninguém se importa. Mas o mundo inteiro sofre pelos americanos mortos. Os EUA invadiram a Guatemala, financiaram os contra nicaragüenses, causaram o genocídio de 800.000 ruandeses em 1994, bombardearam o palácio La Rosada no Chile, sustentaram a ditadura de Idi Amim Dada, sanguinário que comia literalmente seu próprio povo, treinaram os torturadores do mundo todo, inclusive brasileiros, sacrificaram o povo iraquiano, destituíram governos matando a humanidade em nome da humanidade, bancaram e armaram Israel e subjugaron palestinos. Defenderam o Regime do Xá Reza Pahlavi, no Irã; a ditadura turca, invadiram a Baía dos Porcos, em Cuba, anexaram parte do México à força, jogaram as bombas em Nagasaki e Hiroshima quando a guerra já havia acabado. Apoiaram incondicionalmente o regime do apartheid na África do Sul, financiaram a UNITA em Angola, bombardearam junto com outros países a república espanhola, bancaram as ditaduras militares na América Latina, inclusive as do narcotraficante Hugo Banzer e Somoza. Ocuparam o Vietnã, mataram seus próprios soldados, dividiram a Coréia em do Norte e do Sul. Mas ninguém se incomodou com as vítimas desses atentados cometidos pelos EUA. Muito mais do que dezenas de milhares. Talvez dezenas de milhões. Talvez mais. Mas ninguém se importou (Internet, 19 de setembro de 2001, autor desconhecido).

Considerações finais

O que a história nos apresenta é que após a segunda guerra mundial houve o encerramento de uma era de cultura ocidental, que começou com o renascimento e iniciou-se uma nova era conhecida como sistêmica.

Com essa nova era, em vez de se ter compreensão do todo através do estudo de uma das partes, o estudo das partes é que consegue explicar o todo. O mundo passa a ser expansionista e abre espaço para a revolução pós-industrial.

É possível entender com o que foi dito acima que, os movimentos políticos e econômicos andavam em paralelo, mas sempre de mãos dadas (dependência), fazendo com que a história interferisse bastante nas sociedades com níveis culturais semelhantes mas principalmente entre níveis sociais diferentes, onde as primeiras a resvalar nas paredes escorregadias desses fenômenos são os mais fracos, fazendo com que os sentimentos negativos entre fracos e fortes aumentassem, a pesar de serem bíblicos.

Muitas autoridades argumentam a favor da resistência firme às exigências de radicais como os terroristas, quaisquer que sejam as consequências. Mais ainda: apesar de constituir capítulo especial, não deve ser criada nenhuma categoria legal de crimes políticos, em sociedades abertas, se a lei infringida é a lei comum, mas aplicadas as leis já existentes.

Os fenômenos, sejam eles voltados para o comportamento humano ou não, podem ser vistos e estudados sob uma ótica mais abrangente ou teleológica e menos mecanicista.

A inserção de situações que destacam o comportamento violento e o seu entendimento através do conceito sistêmico básico de interdependência, que demonstra a existência da dependência entre as partes integrantes de um sistema, torna o tema fascinante, apesar desse entendimento requerer muito trabalho.

Finalmente pode ser destacado que a abordagem sistêmica possui amplas possibilidades de aplicação, o que se traduz numa aprendizagem conjunta bem mais completa que a aprendizagem tradicional, propiciando inclusive a quebra de paradigmas que se arrastaram ao longo do tempo.

Referências

CARDOSO, Fernando Henrique. *Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico*. São Paulo, 1964.

GUEVARA, Ernesto Che. *Textos Revolucionários*. São Paulo, 1980, p 88.

FURTADO, Celso. *O Modelo de Marx na Análise das Estruturas Econômicas Subdesenvolvidas*. Verona, 1972.

GRIMBERG, Carl. *História Universal*, Santiago – Chile, Europa América, 1989.

GRIVAS, Georgios. *Guerra de Guerrillas: Enseñanzas de la lucha por la libertad de Chipre*, Buenos Aires, Rioplatense, 1969.

MARTINS, Carlos Estevão. *Estado e Capitalismo no Brasil*, São Paulo, Hucitec, 1977.

ORLANDI, Enzo. *Marx: Pró e contra, o Julgamento da História*, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1975.

PAIVA, Marcelo Whately. *O Pensamento Vivo de Che Guevara*, São Paulo, Martin Claret, 1985.

SENGE, Peter M. *A quinta disciplina*. São Paulo, Best Seller, 1990.

SIMÕES JR., José Geraldo. *O Pensamento Vivo de Marx*, São Paulo, Martin Claret, 1985.

Revista ISTOÉ, *Uma Nova Guerra.*, 19 de setembro de 2001, p. 7 a 11.

Revista ÉPOCA : *Um Novo Tipo de Terrorismo.*, 17 de setembro de 2001, p. 48 a 50.